

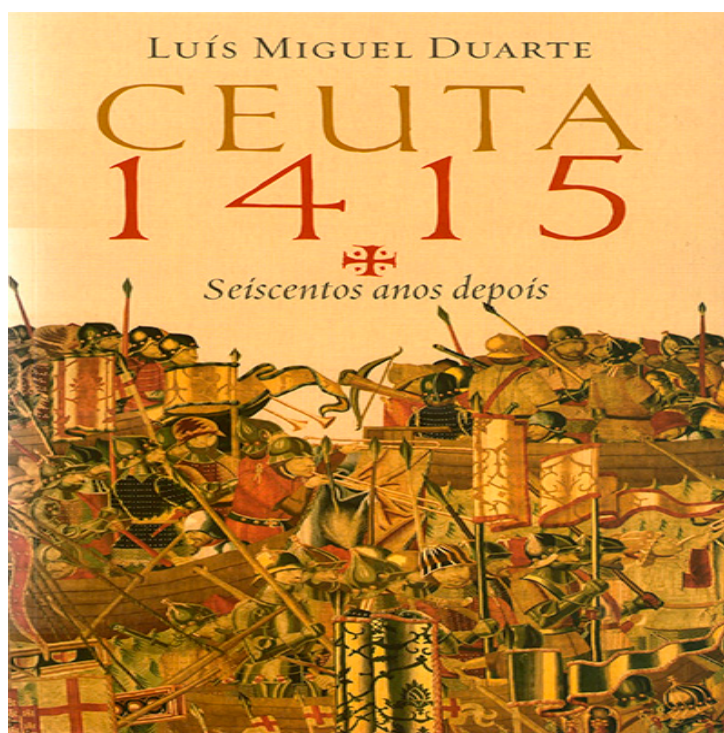
Ceuta 1415 - Seiscentos anos depois

Major-general
Manuel António Lourenço de Campos Almeida



Ceuta 1415

Seiscentos anos depois



LUÍS MIGUEL DUARTE^[1]

O autor deste *Ceuta 1415, Seiscentos anos depois* principia a sua obra declarando que se tem investido demasiado no esclarecimento das causas da expedição e menos no estudo

Revista Militar N.º 2565 - Outubro de 2015, pp 832 - 835.

:: Neste pdf - página 1 de 4 ::

das estratégias e das táticas militares usadas por ambas as partes, e que também se tem dado pouca atenção ao estudo da situação política que se vivia nos reinos de Marrocos e à compreensão da história da cidade desde a sua fundação.

Acima de tudo, afirma, continua por fazer um bom estudo sobre a vida em Ceuta, durante os dois séculos e meio de domínio português. Sobretudo, urge conceber um exame rigoroso dos custos brutais, que foram suportados pelo erário público e pelo povo do continente, e ainda analisar os negócios e enriquecimento que a manutenção de Ceuta proporcionou a algumas entidades e grupos sociais.

As inquietações apontadas são suficientes para aguçar o apetite e para levar à leitura desta obra, na qual o professor Luís Miguel Duarte se comprometeu a^[2]:

Tentar o mais que me for possível descentrar o olhar de Lisboa e de Portugal e a procurar ver este episódio, em primeiro lugar, a partir da cidade muçulmana, mas também das aldeias e montanhas que a cercam, da cidade de Fez, a capital do reino, ou do reino vizinho da Yfriqyia; teremos de o observar pelos olhos dos muçulmanos de Gibraltar e dos castelhanos de Tarifa, pelos olhos dos aragoneses e dos genoveses, dos franceses, dos ingleses e do papado, ao tempo dilacerado por 40 anos de convulsões.

A análise do mundo daquele tempo, porque ele não acabava na Europa ocidental nem no mar mediterrânico, começa por ser a grande preocupação do autor, ultrapassando assim a tradicional, tranquila e redutora descrição da corte portuguesa pelos anos de 1411 e seguintes, da tomada de decisão, acompanhada dos esforços para levantar uma grande armada, da escolha do alvo, do assalto a Ceuta e do regresso.

Em seguida, então sim, analisa os preparativos para a expedição e as contrariedades da viagem, entre nevoeiros intensos e correntes fortíssimas, que arrastaram os navios da armada para Málaga. Descrita a chegada ao destino, comenta a situação de Marrocos e de Ceuta ao tempo da conquista portuguesa e tenta responder a importantes e ainda pouco esclarecidas questões^[3]:

Porque é que a cidade não recebeu socorros mais eficazes e numerosos?

Porque é que os muçulmanos não deram mais luta, numa cidade com uma fortíssima tradição naval, com excelentes arqueiros e besteiros e um sólido sistema defensivo?

Porque é que assim que a armada portuguesa deixou Ceuta a caminho de Portugal, nos primeiros dias de setembro de 1415, não foi imediatamente lançado um ataque poderoso que submergisse a frágil guarnição lusa? Esse ataque teve lugar apenas em 1418, não conseguiu reocupar a cidade e depois dele não houve mais nenhum.

As respostas podem não ser completas e definitivas, mas o professor Luís Miguel Duarte relata a complexa cronografia e conjuntura do norte de África, a história de Ceuta, a sua relação com os poderes locais e regionais e com o lago mediterrânico, o que nos permite

dissipar grande parte da neblina que ainda cobre a Ceuta dos princípios de século XV.

Descreve ainda a cidade que os muçulmanos perderam, os seus cemitérios, as mesquitas, as bibliotecas, as arrábidas, as ruas, os lugares de comércio, os armazéns de trigo, a indústria, as oficinas da lã e da seda, a perícia no fabrico de arcos e de bestas, as armações para a pesca do atum e as fontes, riachos, banhos públicos e casas de recreio da agradável aldeia vizinha de *Balyunes*.

Que foram os portugueses fazer a Marrocos, e porquê Ceuta? Responde o professor^[4]:

As teorias cresceram e multiplicaram-se; uma inventariação proposta há alguns anos atrás listava nada menos de 23 e depois disso ainda apareceram mais algumas, embora o tempo do grande debate tenha já passado. A bem dizer, cada historiador tinha a sua explicação.

A hora da verdade em Ceuta chegou com o início das hostilidades, com o combate, o desembarque e o envolvimento dos lusos. Episódios que nos chegaram através dos relatos dos cronistas, escritos à distância de muitos anos, que foram encomendados pelos protagonistas ou seus familiares, em tempos diferentes, com números e factos nem sempre coincidentes, o que obriga o historiador moderno a questionar e a comparar as diversas fontes portuguesas com as crónicas muçulmanas.

E depois seguiu-se o saque, praticado pelos milhares de portugueses, gente humilde do campo ou da cidade, em regra com uma vida cheia de dificuldades, recrutados a contragosto. A pilhagem era para eles a compensação pelos seus sacrifícios, gente que vivia na extrema pobreza e que era deixada à solta, durante algumas horas, para deitarem a mão a tudo o que tivesse valor. Zurara, na sua crónica, teve o cuidado de alterar a semântica, quando falou do comportamento dos portugueses mais ilustres. Como constatou o autor^[5]:

Onde antes se lia “roubo e cobiça”, agora, com os fidalgos e gente mais distinta que entrou pelo castelo os verbos são “apanhar” e “carregar” e o substantivo é “proveito”.

Ceuta nunca mais foi a mesma depois de 21 de agosto de 1415. E provando que as histórias dos povos estão ligadas entre si, Portugal também nunca mais seria o mesmo:

- O infante D. Henrique começou a concretizar o seu sonho das navegações;
- A coroa lançou mais impostos para sustentar Ceuta;
- Lamentavam-se muçulmanos, mas também aragoneses, castelhanos e genoveses, constatando que um reino rival havia metido uma lança em África;
- O comércio muçulmano foi desarticulado;
- Saíram favorecidas as nossas relações com a Santa Sé;

- Exultaram D. João I, D. Henrique, D. Pedro de Meneses e alguns jovens fidalgos que passaram a ter onde fazer breves tirocínios militares;
- Rejubilaram ainda os que enriqueceram com a *carreira de Ceuta*, armadores e comerciantes empenhados na logística e no abastecimento da cidade.

Acreditamos que as notas atrás aludidas serão suficientes para estimular os entusiastas da história a lerem *Ceuta 1415, seiscentos anos depois*, obra do professor Luís Miguel Duarte, publicada por *Livros Horizonte*, em junho de 2015, num volume de 255 páginas, ilustrado com fotografias, cartas militares, gravuras e desenhos, e acompanhada das referências a inúmeras fontes impressas e bibliográficas, em que o autor se fundamentou.

A *Revista Militar* agradece a oferta deste livro e felicita o seu autor por mais esta iniciativa.

Major-General Manuel de Campos Almeida

Vogal da Direção da *Revista Militar*

^[1] – Luís Miguel Duarte é professor de História Medieval na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

^[2] – *Ceuta 1415, Seiscentos anos depois*, p. 11.

^[3] – Idem, p. 105.

^[4] – Idem, p. 149.

^[5] – Idem, p. 215.